



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

**O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO A PARTIR DA
CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA EM BONITO DE
SANTA FÉ PARAÍBA (1970 - 2013)**

MARLI GOMES DE SOUSA VENCESLAU

CAJAZEIRAS – PB

2014

MARLI GOMES DE SOUSA VENCESLAU

**O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO A PARTIR DA
CHEGADA DA ENERGIA ELÉTRICA EM BONITO DE SANTA
FÉ PARAÍBA (1970 - 2013)**

Monografia apresentada à disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do curso de Graduação em História da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande como requisito para obtenção de nota.

ORIENTADORA: Prof.^a Dra. Ana Rita Uhle

Cajazeiras – PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

V451p Venceslau, Marli Gomes de Sousa

O processo de modernização a partir da chegada da energia elétrica em Bonito de Santa Fé. / Marli Gomes de Sousa Venceslau. Cajazeiras, 2014.

60f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Ana Rita Uhle.

Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Distribuição de energia elétrica – Bonito de Santa Fé - Paraíba. 2. Modernidade – energia elétrica. 3. Eletricidade – Bonito de Santa Fé - Paraíba. I. Uhle, Ana Rita. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –621.316(813.3)

MARLI GOMES DE SOUSA VENCESLAU

**O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO A PARTIR DA
CHEGADA ENERGIA ELÉTRICA EM BONITO DE SANTA FÉ
PARAÍBA (1970 - 2013)**

Aprovado em: ___/___/_____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dra. Ana Rita Uhle
(Orientadora)

Prof.^a Dra. Rosilene Alves de Melo
(Examinadora)

Prof. Dr. Osmar Luís da Silva Filho
(Examinador)

Prof. Rubismar Marques Galvão
(Suplente)

CAJAZEIRAS – PB
2014

Dedico a meus pais, à minha filha, ao meu esposo e a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para que eu pudesse chegar até aqui.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de concluir meu curso e a chance de aprender o significado das letras e palavras;

À minha orientadora Ana Rita Uhle que durante todo este tempo me conduziu pelos caminhos do saber histórico oferecendo sua ajuda em todas as coisas.

Ao meu amado esposo Carlos Venceslau pela compreensão, apoio e dedicação em todos os momentos que precisei.

A minha filha Ádina Lorhany que tantas vezes chorou quando eu saia para a Universidade;

A minha irmã Marluce, por ter me ajudado com a minha filha, sem ela talvez eu não tivesse concluído o curso;

A minha mãe Maria Auxiliadora pelo carinho, preocupação e incentivo que mesmo sem saber ler e escrever me ensinou as maiores lições da vida, dignidade, respeito, perseverança entre outros valores e por seu amor incondicional;

A minha sogra Socorro Venceslau, por me ajudar com a minha filha e às vezes me esperava com seu almoço, mulher guerreira, que sempre me deu força para eu concluir o meu curso;

A minha irmã Fabiana e seu esposo Ronys que estavam sempre dispostos a me ajudar com os meus trabalhos nos momentos finais do meu tcc;

A minha cunhada Carla Flavia, que ficava brincando com minha filha enquanto eu estudava;

Aos meus cunhados Dehon, José Flavio, Divam e Paulinho pelo apoio e pela torcida;

As tias Dominga e Chicola Venceslau, pela contribuição com palavras de incentivo;

O apoio de todos os meus irmãos e irmãs que mesmo morando longe, sempre me deram força e incentivo para eu continuar estudando, mesmo diante das dificuldades do dia-dia: Marlene, Josa, Maciel, Marleide, Josué e todos os meus sobrinhos e o meu pai Antonio Gomes;

Ao pessoal da coordenação do curso de História, Isamarc Gonçalves Lobo e Viviane

Gomes de Ceballos.

Aos meus professores que contribuíram para que eu pudesse ter uma formação: Osmar Luiz da Silva Filho, Francinaldo Bandeira, Isamarç Gonçalves Lôbo, Rosemere Olímpio de Santana, Rodrigo Ceballos, Rosilene Melo, Luciana Araújo, Dionizio Neto, Rubismar Marques Galvão, Ana Rita Uhle, Francisco Eugênio Pacelli (em memória), Francisco Firmino Sales Neto, Leonardo Farias e Helmara Formiga;

Aos meu colegas de turma: Akaliane, Alba, Helaine, Helania, Hélio, Niara, Francisca Edilania, Francicleia, Solange, Vagner, Cleide, Jaquim Neto, Joaquim Izidro, Ana Cleide, Safira, Talita, Welly, Jonata, Carla, Samara, Jacilene, Erica, Corrinha, Maria do Rosário, Mariangela, Delani e Fram;

A minha amiga Rafaela e família por todo carinho e apoio que sempre tiveram comigo;

Ao meu amigo Valdir Silva e a sua família pelo apoio carinho e atenção que sempre tiveram comigo;

A dona Zenilde Arruda pelas palavras de incentivo e ao senhor Reinaldo Arruda.

Aos funcionários do Arquivo Municipal que sempre estiveram dispostos a me ajudar, as pessoas que me concederam entrevista (José Amorim, José Sebastião de Sousa, Luis Freitas Neto e José Feitosa);

A minha amiga Janice Correa e a sua família pelo apoio e atenção que sempre tiveram comigo;

Aos alunos do 5º período matutino e também do 8º período noturno pelo carinho e acolhimento;

A James, Elane e Priscila outra família que me adotou como filha (profundamente grata a vocês por tudo);

Aos motoristas do ônibus que ao longo desses anos cuidaram da minha segurança e dos meus colegas.

Minha gratidão a todos.

**Deus disse: "Faça-se a luz!" E a luz foi feita.
Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas.**

GÊNESIS 1:3-4

RESUMO

Esta monografia analisa os impactos da chegada da energia elétrica na cidade de Bonito de Santa Fé na década de 1970. Observa-se que ao instaurar-se a eletricidade há também um projeto de cidade que está em jogo e que buscamos compreender ao longo da pesquisa, tendo como interlocução a bibliografia que trata da modernidade na Paraíba. O trabalho pretende ainda discutir a apropriação política da eletricidade por meio da atuação de membros da elite local. Por último, a partir da análise de fontes escritas e orais, esta monografia tenta compreender a memória dos bonitenses a respeito da energia a motor, e seu declínio, bem como do período de implantação da energia elétrica na cidade.

PALAVRAS CHAVE: Cidade, Modernidade, Eletricidade.

RÉSUMÉ

Cette monographie analyse les impacts de l'arrivée de l'électricité dans la ville de Bonito de Santa Fé aux années de 1970. Nous avons observé que, avec l'instauration de l'électricité, il ya aussi un projet de ville. Ainsi, nous cherchons le comprendre tout au long de la recherche ayant comme interlocution une bibliographie sur la modernité en Paraíba. Le travail traite également de l'appropriation politique de l'électricité par l'action des membres de l'élite locale. Enfin, à partir de l'analyse des sources écrites et orales, cette monographie essaie de comprendre la mémoire de citoyens sur le moteur de l'énergie, et son déclin, ainsi que la période d'instauration de l'électricité dans la ville.

MOTS-CLÉ: Ville, Modernité, Electricité.

LISTAS DE IMAGENS

Figura 01: Fragmento de recibo de 1958	14
Figura 02: Fotografia do Santo Antônio	28
Figura 03: Ruínas da Igreja de Santa Fé	28
Figura 04: Foto da Avenida Áurea Dias de Almeida (1970)	30
Figura 05: Imagem da Avenida Batista Leite (2010).....	31
Figura 06: Lavanderia pública.....	37
Figura 07: Reportagem da Veja em 11/12/1968	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - URBANISMO E VIVÊNCIAS NA CIDADE.....	17
1.1 Urbanismo e cidade	17
1.2 Vivências da cidade: sonhando com uma vida melhor.....	19
CAPÍTULO II - BREVE HISTORICO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DE BONITO DE SANTA FÉ.....	26
2.1 Nas malhas da História: abordagem histórica da Cidade de Bonito de Santa Fé- PB	26
2.2 Estrutura de poder e rede familiar no Município de Bonito de Santa Fé - PB 1970: da História Política administrativa.....	29
CAPÍTULO III - O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO EM BONITO DE SANTA FÉ: A CHEGADA DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS	46
ANEXOS	48

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende discutir o processo de modernização em Bonito de Santa Fé - Paraíba, a partir da chegada da energia elétrica. Percebe-se que este advento trouxe mudanças significativas para a economia e para a vida social dos bonitenses. Por outro lado, trata-se de um processo que parece contribuir para o crescimento da cidade e, conseqüentemente, para o aumento das diferenças sociais.

Na medida em que se analisava a documentação, percebíamos que seria possível elaborar um trabalho de pesquisa que se ocupasse do estudo da modernização em Bonito de Santa Fé a partir do advento da energia elétrica, pois as fontes ofereciam pistas diversas sobre esta problemática.

No desenvolvimento deste trabalho procuro desvendar a seguinte questão: como se deu o processo de introdução da energia elétrica no município de Bonito de Santa Fé inserido no processo de modernização e desenvolvimento econômico-social? Em que medida a chegada da energia elétrica modificou o cotidiano dos bonitenses? Quais foram as mudanças e as permanências a partir da inserção dos aspectos modernos em Bonito de Santa Fé?

Nosso objetivo neste trabalho é analisar a modernização de Bonito de Santa Fé a partir da chegada da iluminação pública e as mudanças que esta trouxe para os bonitenses. Tais transformações se fizeram bem visíveis, uma vez que trouxeram avanços consideráveis para boa parte da população, quais sejam: melhoramento no funcionamento de alguns órgãos públicos como o Banco do Brasil fundado em junho de 1977; melhoria nos serviços dos Correios, que já existia na época; as escolas progrediram, pois, o tempo destinado ao seu funcionamento aumentou; além disso, o Hospital Honorina Tavares de Albuquerque construído em abril de 1987 teve seus serviços ampliados. Vale destacar que essa mudança oscila entre duas vertentes: o desejo de mudança e o medo que essa pode gerar. Aparentemente, Bonito de Santa Fé sofrerá com essa dicotomia, querer mudar e temer a mudança, uma vez que junto com os aspectos positivos vieram também os negativos tais como: a não acessibilidade destes benefícios por parte das famílias carentes. Abordaremos quais foram as maiores dificuldades enfrentadas pela população para terem acesso ou se

sentirem parte desta “modernidade”.

Este estudo monográfico tem a finalidade de refletir sobre o dinamismo social e econômico provocado por este processo de modernidade e sobre as transformações pelas quais algumas cidades paraibanas passaram como, por exemplo, João pessoa e Campina Grande, no intuito de se tornarem grandes centros urbanos e modernos. Ao se debruçar sobre o estudo da modernização da cidade de Campina grande no ano de 1959, Alarcon Agra do Ô no livro, Da cidade de pedra à cidade de papel: Projeto de Educação, projetos de cidades Campina Grande (1959) mostrou que,

Havia, efetivamente, uma série de indicadores que sinalizaram para uma alteração nos padrões de existência da cidade, levando-a na direção da modernização da modernidade. Os discursos e as práticas que tomavam como objetivo a construção de uma imagem de desenvolvimento e de progresso para Campina Grande faziam largo uso destes indicadores, considerando-os a base empírica indiscutível para as suas escritas (AGRA DO Ô, 2006, p. 29).

No que diz respeito a este trabalho, dois pontos principais o norteiam: o primeiro é o próprio processo de modernização ao nível nacional, estadual e local. O segundo diz respeito á chegada da energia elétrica em Bonito de Santa Fé no ano de 1970 fornecida pela cidade de Milagres no Estado do Ceará. É preciso questionar como e até que ponto a chegada da energia foi satisfatória para os bonitenses, se trouxe benefícios e se estes compensam no que se refere às mudanças ocorridas após a chegada da energia elétrica.

O objetivo geral deste trabalho é refletir sobre o processo de introdução da energia elétrica no município de Bonito de Santa Fé, dentro do processo de modernização e desenvolvimento econômico-social. No que se refere aos objetivos específicos são os seguintes: analisar como se deu o processo de organização, para que a energia elétrica chegasse ao município de Bonito de Santa Fé; apreender até que ponto a chegada da energia elétrica muda o cotidiano dos bonitenses; refletir sobre as mudanças e as permanências a partir da inserção dos símbolos modernos em Bonito de Santa Fé.

A pesquisa foi feita na cidade de Bonito de Santa Fé - Paraíba, por meio de entrevistas abertas e através de documentos oficiais do Arquivo da Prefeitura Municipal. Nesse sentido, nossa pesquisa foi documental, bibliográfica e também baseada em fontes orais.

Vale destacar que não foi fácil trabalhar com a documentação citada, uma vez que, este material encontra-se num estado caótico. Os documentos estão mal organizados, em caixas com datas diferenciadas, estragados pela ação do tempo e dos fungos, espalhados por todos os lados. De modo resumido, o local é completamente inadequado para a conservação da memória histórica da cidade. Contudo, estes empecilhos não impediram que o trabalho fosse levado a diante. Veja-se abaixo um fragmento de documento que mostra o estado dessas fontes.

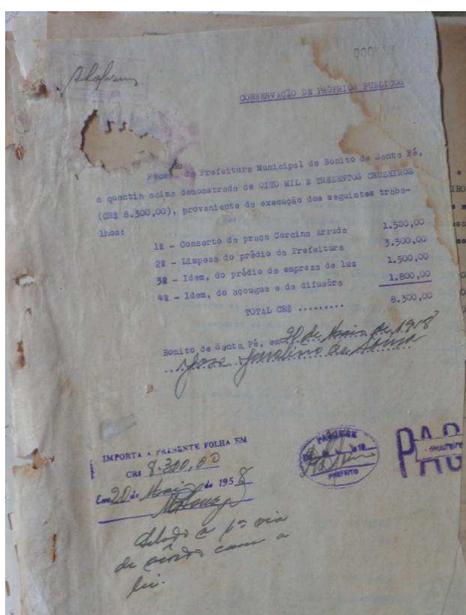


Figura 01: Fragmento de recibo de 1958. Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

No que se refere aos aspectos teóricos, foi estabelecido um diálogo com autores que já se ocuparam no estudo do tema em questão e de temáticas relacionadas ao nosso objeto de estudo. Os principais autores com os quais dialogamos foram: Bresciani (s/d); Certeau (1994); Guimarães (2009); Formiga (2010) entre outros.

A monografia esta dividida em três capítulos no primeiro capítulo intitulado “Urbanismo e vivências na Cidade” são apresentadas algumas elaborações acerca do urbanismo e em seguida é delineada uma discussão sobre as experiências vivenciadas nas cidade, além de alguns aspectos acerca da expansão da vida pública e moderna das cidades.

Já no segundo capítulo buscaremos apresentar um breve histórico da cidade de

Bonito de Santa Fé, destacando aspectos desde a sua fundação, tais como questões políticas e religiosas.

Finalmente, o nosso terceiro capítulo é de fato o nosso principal capítulo por que é nele que estudamos a modernização da cidade de Bonito de Santa Fé a partir da chegada da energia elétrica com base em depoimentos de testemunhas oculares e documentos oficiais.

A organização dos serviços urbanos de eletricidade, em consonância com outros melhoramentos, impulsionou o processo de modernização. Segundo Alenuska Guimarães, (2009) *a relação entre eletricidade e o processo de modernização do País, marcou as pesquisas sobre as relações entre esse advento técnico e as transformações de praticas cotidianas.*

Mediante estudo sobre a eletrificação de Bonito de Santa Fé - PB, buscamos entender as transformações ocorridas na vida dos cidadãos, isso porque alguns estudiosos e especialistas tomam com parâmetro a chegada da eletricidade para as mudanças ocorridas na vida dos habitantes da cidade como de certa forma foi o que impulsionou essa modernização.

Como bem falou Guimarães: *a cidade se transforma e exige de seus habitantes a adoção de praticas que encontravam seu habitat no meio urbano moderno.* A modernização da cidade possuiu impacto na vida da sociedade e dos indivíduos. Não apenas a cidades, suas construções, ruas e avenidas, que de certa forma vinham para viabilizar o cotidiano dos bonitenses.

Com as inovações que a energia elétrica traz no meio urbano, novas técnicas são implantadas nos espaços públicos como iluminação das ruas, proporcionando assim uma maior sociabilidade para a população. Isso contribui para a modernização da cidade, como fala Guimarães: *“A eletricidade aparece na historiografia brasileira como um dos fatores determinantes do processo de modernização dos centros urbanos, ocorrido de forma mais intensa entre fins do século XIX e início do século XX”* (LAMARÃO Apud GUIMARÃES, 2009, p. 17).

A iluminação pública, neste sentido, associa-se a construção de um cenário de modernidade que se anunciava mundialmente desde o século XIX. Esse período foi marcado por reformas e intervenções urbanísticas e pela introdução de equipamentos e

serviços nos principais centros urbanos. No caso de Bonito de Santa Fé, iluminar a cidade foi um dos pontos primordiais da modernização, uma vez que os lampiões de azeite não atendiam as demandas dos habitantes. Neste sentido a eletricidade tornou-se indispensável à vida nas cidades, que veio a impulsionar sentimentos de identificação com o modo de vida urbano.

CAPÍTULO I

URBANISMO E VIVÊNCIAS NA CIDADE

1.1 Urbanismo e Cidade

Este tópico do trabalho apresenta um caráter mais teórico que analítico. Faremos aqui uma breve discussão acerca do urbanismo e em seguida apresentaremos as elaborações de alguns autores que teorizaram sobre as cidades. Da forma que mencionamos, este estudo se debruça na análise do processo de modernização em Bonito de Santa Fé - Paraíba, a partir da chegada da energia elétrica. Sendo assim, uma discussão imprescindível aqui é a que diz respeito ao urbanismo. Na perspectiva de Françoise Choay

o urbanismo difere do pré-urbanismo em dois pontos importantes. Em lugar de ser obra de generalistas ele é, sob suas duas formas, teórica e prática, o apanágio de especialistas, geralmente arquitetos [...]. No entanto, o urbanismo não escapa completamente à dimensão do imaginário. Os primeiros urbanistas têm um poder reduzido sobre o real: ora tem de enfrentar condições econômicas desfavoráveis, ora se choca com todo o poder de estruturas econômicas e administrativas herdadas do século XIX (CHOAY, 2000, p. 18).

Ao teorizar sobre a cidade Choay afirma que o plano da cidade progressista não está conectado às limitações da tradição cultural. Sendo assim, ele só quer ser a expressão de uma liberdade da razão, posta a serviço da eficiência e da estética. Então, são esses dois imperativos que atribuem ao espaço do modelo progressista seus atributos particulares.

Ainda sobre a questão do urbanismo, em sua Dissertação de Mestrado intitulada “Brasília, 50 anos: do urbanismo moderno ao planejamento estratégico” Abe Sabbag, afirmou que o urbanismo opera essencialmente com o desenho urbano e planos diretores, em muitos casos, sem levar em consideração a cidade na condição de agente de processo social em permanente desenvolvimento, no qual o arquiteto urbanista apresenta-se como o grande especialista (ABE SABBAG, 2012, p. 17).

O autor faz uso do termo “urbanismo moderno” para indicar o tipo de planejamento urbano que predominou no Brasil até os anos 1970-1980. Fundamentado no zoneamento de quatro funções urbanas principais estabelecidas pela carta de Atenas, quais sejam: *habitar*,

trabalhar, recrear e circular; e nos planos diretores da utilização e ocupação do solo. Dessa forma na visão do autor, o urbanismo moderno de estilo nacionalista, “caracteriza-se ainda, pelo papel centralizador do Estado e pela prática da tabula rasa e da renovação como formas de intervenções urbanas” (ABE SABBAG, 2012, p. 17).

Sabe-se que a cidade é representada por um sistema de símbolos e códigos diferenciados, que dão significados ao conjunto de prédios comerciais, indústrias e conjuntos habitacionais, assim como as práticas da forma que elaborou Michel de Certeau, (1994) quando este fala a respeito das mesmas em “A invenção do cotidiano”. Para Certeau “*a cidade-panorama é um simulacro “teórico” (ou seja visual), em suma um quadro que tem como condição de possibilidade um esquecimento e um desconhecimento das práticas*”.

Dessa forma,

tudo se passa como se uma espécie de cegueira caracterizasse as práticas organizadoras da cidade habitada. As redes dessas escrituras avançando e entrecruzando-se compõem uma história múltipla, sem autor nem espectador, formada em fragmentos de trajetórias e em alterações de espaços com relação às representações, ela permanece cotidianamente, indefinitivamente, outra (CERTEAU, 1994, p. 171).

Diante do exposto, podemos dizer que a cidade serve de baliza até a história múltipla, presente nela desde sua construção, estruturação até os habitantes dela, isso por que tudo acontece nela, ela é a sua própria história, podemos dizer que ela mesma a faz de maneira direta, como bem coloca Michel de Certeau (1994), segundo ele,

seja quais forem seus avatares desse conceito, temos de constatar que se, no discurso, a cidade serve de baliza ou marco totalizador e quase mítico para as estratégias socioeconômicos e políticas, a vida urbana deixa sempre mais remontar aquilo que o projeto urbanístico dela excluía., a cidade se urbaniza e se ver entregue em movimentos que de certa forma há faz enquanto cidade (CERTEAU, 1994).

Em um artigo intitulado “A iluminação pública da cidade da Parahyba: século XIX e início do século XX Maia, Gutierrez e Soares tratam acerca das dificuldades enfrentadas pelas cidades paraibanas na aquisição de símbolos modernos”. Assim, em se tratando das

idades paraibanas sabe-se que elas tiveram dificuldades para ter o que chamamos de moderno que são, por exemplo, saneamento básico, pavimentação, iluminação pública (MAIA; GUTIERRES; SOARES, 2009, p.3).

As autoras concordam que no tocante ao processo de iluminação pública nas cidades brasileiras, é oriundo das medidas adotadas a partir do século XIX que objetivavam a modernização do espaço urbano. Tais medidas estavam vinculadas a um conjunto de implementações que visavam à melhoria da fisionomia da cidade, assim como a salubridade ambiental (MAIA; GUTIERRES; SOARES, 2009, p.3).

No concernente às cidades, a noção de progresso representava o ordenamento do espaço urbano e a implantação de serviços e equipamentos tendo como objetivo a qualidade de vida da população e a beleza física urbana. É necessário destacar que todas essas modificações apresentavam-se como uma oposição à tradição, isto é, ao passado de marca colonial, pois o mesmo era visto como atraso (MAIA; GUTIERRES; SOARES, 2009, p.3).

Então, a iluminação pública concebia a idéia de progresso, uma vez que tratava-se de algo que era desejado pelos administradores como também pelos habitantes da cidade. Sendo assim, durante o século XIX e início do XX tal serviço utilizou-se de diferenciadas tecnologias a exemplo do uso da queima de óleos e de gás até chegar na implantação da energia elétrica (MAIA; GUTIERRES; SOARES, 2009, p.3).

Bonito de Santa Fé está inserido neste contexto de dificuldade, pois passou pelo mesmo processo ou tal vez mais que as outras por se tratar de uma cidade pequena distante da capital onde só aparecem interessados na época da campanha política, passado esse período, volta a ser esquecida novamente.

1.2 Vivências da cidade: sonhando com uma vida melhor

Com base na discussão proposta por Bresciani, sabe-se que existe uma concepção teórica que rompe com a ideia de continuidade no tempo como hipótese de conhecimento das cidades atuais que percebe as cidades associadas à noção de modernidade, para o período em que, são problematizadas em questão urbana, compreensão que persiste na constituição do paradigma que norteia o conhecimento e a vivência nas cidades na

contemporaneidade (BRESCIANI, s/d, p. 12).

No que diz respeito a este trabalho, esta é a também a concepção teórica a qual nos filiamos, uma vez que buscaremos associar o estudo das cidades a ideia de modernidade, pensando a questão urbana para assim elaborar um saber acerca de aspectos da vivência na cidade de Bonito de Santa Fé. Vivência esta que se modifica em muitos sentidos após a chegada da iluminação pública que alterou os modos de viver, sentir, pensar, agir e fazer.

Não podemos deixar de fora neste momento da questão do deslumbre pela vida na cidade, aqui não podemos apenas falar do lado ruim, existe também o desejo pela vida na cidade isso por conta da ilusão de uma vida melhor. A autora Maria Stella Bresciani (s/d), fala da opção pela ideia de uma vida diferenciada da vida do campo, assim, coloca em destaque a noção de artifício, da arte do homem distinguindo-o definitivamente dos outros seres do mundo animal, e remete para a concepção de arte como transposição de uma ideia em uma obra, como algo intrínseco ao campo da racionalidade e da indrustiosidade. *“Esta opção orienta várias vertentes de estudos historiográficos e urbanísticos que acompanham a permanência e a transformação das cidades através dos tempos”* (BRSCIANI, p. 11).

Para melhor compreendermos essa vida diferenciada e desejada das cidades existe sim uma forma de orientar e estudar o mítico presente nas cidades, a esse respeito à autora diz que a forma de orientar e estudar as cidades nos oferece, no momento mesmo de sua definição no século XIX, não sete, mais cinco portas de entradas conceituais.

Dessa forma, as portas de entrada para o estudo das cidades tratadas pela autora apresentam-se na condição de problemas a serem resolvidos pontualmente. Sendo assim, só a política de intervenção no meio urbano, que se evidenciou de modo mais significativo no decorrer do século passado, configurou a probabilidade de se refletirem as cidades existentes no seu todo abrindo, então, espaço para a instauração do urbanismo como disciplina acadêmica e também prática política.

A primeira porta tratada por Bresciani percebe a cidade na condição de questão técnica ajustando o olhar do médico com o saber do engenheiro na observação como também na modificação do meio ambiente. Trata-se então, do difícil questionamento da sociedade liberal com seu Estado guarda-noturno e seu respeito religioso tanto pela propriedade quanto *“pela cidadania dos proprietários, substituídos pela política de*

intervenção no espaço urbano que deve colocar a antecedência do bem público sobre o particular” (BRESCIANI, s/d, p. 12).

Já segunda porta volta-se para o lado social, constituída a partir da problematização econômico político da pobreza que foi posta pela Revolução Francesa de 1789 e também pelos movimentos de resistência dos trabalhadores na Inglaterra nos finais do século XVIII.

Quanto à terceira porta mostra a cidade pensada enquanto um espaço de constituição de novas identidades sociais. Em se tratando da quarta porta diz respeito à Educação dos sentidos na sociedade moderna apontando a cidade como o lugar de formação de uma nova sensibilidade, no qual o olhar armado pelo conceito classifica em quadros compreensivos tudo o que ver.

Finalmente, a quinta porta dá acesso a cidade conceitual, sinônimo de progresso, o lugar da história, e designa seus habitantes como agentes/sujeitos históricos: o burguês para o tempo presente, o proletário no projeto da futura sociedade (BRESCIANI, s/d, p. 12).

Segundo a autora a problematização da cidade enquanto questão técnica acontece na metade do século XIX, e se encarrega de substituir a materialidade dos limites definidos por muros pela finitude gráfica dos mapas, uma forma conceitual de abarcar limites para além do sentido da visão, no que se refere à questão social a autora nos fala que não se esgota, entretanto, na leitura política das multidões; outro eixo remete para um cenário que não é mais o da cidade enquanto espaço politizado, mas sim a cidade enquanto lugar de produção, a cidade industrial onde se fabrica se põe no centro da cena.

Quanto ao espaço de formação de novas identidades social a autora pensa esse lugar a partir da classe burguês, que ocupa um largo aspecto de ocupações de nítido viés urbano, ou cuja finalização se dá na cidade (no mercado), vê-se recoberto pela noção classificatória/conceito de burguesia, num movimento que impõe aos que escapam ao denominador comum de serem proprietários de bens de condição de outra classe, não só enquanto cidadãos de segunda categoria, mas, também como inimigos potencias da própria civilização ameaça a forma de organização do mundo sobre os pressupostos burgueses. A esse respeito à autora acrescenta:

O que os burgueses do século XIX, tinham em comum era a qualidade negativa

de não serem nem aristocratas nem operários, e de se sentirem mal em suas próprias peles. O que os dividia, entretanto, era quase igualmente importante, e constituía uma fonte de tensões reais. Aqueles que se propuseram no século XIX a caracterizar o burguês e quase todo mundo tentou sabiam menos do que acreditava saber (BRESCIANI, [s/d], p. 20).

Quanto à porta da identidade de classe a autora entende como sendo a porta de uma nova sensibilidade que pressupõe o olhar armado pela distância entre o sujeito e o objeto, pelo conceito capaz de classificar, pela referência das diferenças observáveis, aquilo que as coisas e as pessoas são em sua essência, quanto à quinta porta a autora acrescenta que, a entrada da questão social, onde tudo é politizado e a defesa das ideias assume a lógica, constituem, sob uma forma laicizada, a dimensão política das necessidades humanas. Não para nas cinco portas, ainda tem mais duas a sexta e a sétima porta, mas a autora apenas assinala como sendo a de cultura popular, ela não aprofunda nesta questão, isso por que segundo ela é um trabalho que requer maiores atenções.

Em artigo intitulado “Cidade e História” presente na coletânea “Cidade: história e desafios” Maria Stella Bresciani defende que a questão urbana se constrói no e pelo debate político mostrando o solo tenso e conflituoso de sua formação. Para isso parte da idéia de que saberes já existentes envolvidos com diferentes opções políticas estabeleceram a questão urbana (BRESCIANI, 2002, p. 19).

Nesse sentido, a autora não afirma a formação de um saber “moderno” acerca das cidades anteriores ao período em que as tensões próprias à industrialização se impuseram aos contemporâneos. Ela acredita que, apesar de toda a “novidade” que rodeia os inícios da industrialização, “teria sido algo próximo, porém marginal, ao processo produtivo o elemento que levou à formulação da questão urbana, ou melhor, que problematizou as cidades modernas e/ou industriais” (BRESCIANI, 2002, p. 19).

Em “A cidade como história” Carpintéro e Cesaroli afirmam que as compreensões de história presentes no conjunto das elaborações acerca das cidades modernas constituídas a partir do campo disciplinar da arquitetura e do urbanismo apresentam várias facetas que são marcadas por alternâncias entre permanências e rupturas. Neste sentido, o deslindamento das cidades como matéria do campo da história não nos deixa pistas mais lineares (CARPINTÉRO & CERASOLI, 2009, p. 79).

Para os mencionados autores, as imagens das cidades podem ser pensadas por meio daquilo que pode ser nomeado de paisagens culturais e sociais. Nessa perspectiva, a concepção de paisagem é muito mais uma metáfora adaptada para outros significados admissíveis. De acordo com essa visão, a aproximação entre cidade e paisagem cruzada por feições sociais e culturais pode indicar a imaginação a noção de um quadro tomado à distância (CARPINTÉRO & CERASOLI, 2009, p. 80).

Segundo a autora Raquel Rolnik (1994),

as cidades passam a ser organizadas a partir de um certo momento da história, em função do mercado gerando um tipo de estrutura urbana que não só opera uma organização do seu espaço interno, mais também redefine todo o espaço circundante, atraindo para si grandes populações. Cabendo a si o conceito de cidade não só pelo grande número de pessoas que passam a habitar, mas pela forma de vida e de comercialização que passa a existir nessas localidades (ROLNIK, 1994).

Neste sentido, embora este processo de comercialização e urbanização seja vivo e atual, buscamos aqui trabalhar com a história das cidades a partir não só desse processo, como também a partir da implantação da iluminação pública que de certa forma passa a ser um dos meios pelo qual ela se estrutura, já que a iluminação traz consigo alguns avanços, tanto para a economia como também pra vida social de quem habita as cidades.

Convém destacar que a partir do advento da iluminação pública em Bonito de Santa Fé e de outros símbolos representativos daquilo que era considerado como moderno as diferenças sociais começaram a se manifestar de modo mais visível, dito de outra forma, este processo contribuiu para o desenvolvimento da cidade, mas também para o aumento das diferenças sociais, pois nem todas as pessoas são participantes das vantagens provenientes da modernização, nem todos possuem acesso aos bens advindos de tal processo. Os segmentos subalternos ficam geralmente excluídos.

Contudo, é importante que se entenda que as nomeadas classes subalternas não são passivas a tudo aquilo que lhe é imposto, uma vez que elas lutam em prol de sua existência/vivência. Para tanto faz uso das táticas como bem mostrou Certeau (2008) em “A invenção do cotidiano”. Do ponto de vista do mencionado autor a tática trata-se de

um cálculo que não pode contara com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro. Ela aí se insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias (CERTEAU, 2008, p. 46).

Tendo por base esse pensamento, acreditamos que apesar do poder político sempre tentar impor as normas ao seu modo, a massa (segmentos subalternos, desfavorecidos...) sempre buscou “burlar” e de uma maneira ou de outra participar ainda que minimamente das vantagens oriundas da chegada de símbolos representativos do moderno na cidade de Bonito de Santa Fé.

Até por que tudo aquilo que é diferente tanto causa reação e conflito, como também causa por parte de alguma admiração e curiosidade. É possível então que, a dinâmica do processo de modernização em Bonito de Santa Fé tenha sido marcada por conflitos, rivalidades políticas e também por aceitação e alegria.

Sobre a questão da segregação Raquel Rolnik (1994), faz referência à cidade do Rio de Janeiro, quando as pessoas tratam de Zona Sul ou Baixada Fluminense, para a mencionada autora, trata-se de Rios de Janeiro diferentes, ou seja, é como se a cidade fosse um imenso quebra cabeças, feito de peças diferenciadas, onde cada qual conhece seu lugar e se sente estrangeiro nos demais.

Do ponto de vista de Rolnik, este movimento de separação das classes sociais e funções no espaço urbano que tratamos anteriormente são chamados de segregação espacial. Veja-se o que a autora comenta sobre o tema da segregação espacial:

A segregação é manifesta também no caso dos condomínios fechados murados além de controles eletrônicos que zelam pela “segurança” dos moradores, o que significa o controle minucioso das trocas daquele lugar com o exterior. Isso também significa um recorte de classe, raça ou faixa etária (ROLNIK, 1994, p. 42).

A segregação também se manifesta nos locais de trabalho em relação aos locais de moradia. Sendo assim, até mesmo a forma de como o lixo é recolhido, é uma forma de segregação, no sentido de que existe, por exemplo, setores da cidade onde o lixo é recolhido duas ou mais vezes por dia; outros uma vez por semana, outros, ainda onde o lixo

é despejado.

As imensas periferias sem água, luz ou esgoto são evidências claras desta política discriminatória por parte do poder público. Segundo Raquel Rolnik (1994, p. 42), *“em qualquer um dos exemplos citados fica claro que estes muros visíveis e invisíveis que dividem a cidade são essenciais na organização do espaço urbano”*.

Segundo a definição da web www.significados.com.br/cidade/, visitado em 20-01-2013 cidade é uma área densamente povoada onde se agrupam zonas residenciais, comerciais e industriais. O significado de cidade (zona urbana, ambiente urbano) opõe-se ao de campo (zona rural). Desse modo, cidade é a sede do município (cada divisão administrativa autônoma dentro de um Estado), a área onde existe concentração de habitantes.

Já para Rolnik cidade é antes de tudo um ímã, antes mesmo de se tornar local permanente de moradia e trabalho, isso por que chama, atrai os povos, os comerciantes e com isso ela vai crescendo se desenvolvendo e com esse crescimento surgindo os problemas a falta de segurança e daí a necessidade de construir esses muros visíveis e invisíveis que recobrem as cidades, muros visíveis para dar segurança, muros invisíveis para manter a civilidade.

CAPÍTULO II

BREVE HISTORICO POLÍTICO-ADMINISTRATIVO DA CIDADE DE BONITO DE SANTA FÉ

O objetivo deste capítulo é fazer uma breve abordagem da história político-administrativa da cidade de Bonito de Santa Fé. Iniciaremos falando da estrutura de poder e rede familiar da cidade. Antes de adentrarmos de fato nesta questão apontaremos a forma como os prefeitos da então “promissora Bonito de Santa Fé - PB” chegavam ao poder. Segundo o jornal Evolução ano 1 vol. 1 os prefeitos da cidade eram nomeados pelo Estado de acordo com a proximidade dos mesmos com a capital do Estado e consequentemente o grau de instrução dos mesmos isto se deu entre os anos de 1939 a 1945 na época da ditadura do Estado Novo. O que era levado em conta também era a família a qual os mesmos pertenciam é o que veremos nos tópicos seguintes.

2.1 Nas malhas da História: abordagem histórica da Cidade de Bonito de Santa Fé - PB

Segundo o mapa Municipal (s/d) foi no começo do século XVIII, que se deram os primeiros passos para a fundação do povoado que mais tarde viria a ser município de Bonito de Santa Fé. E de acordo com Lauro Lima no livro O cavalo de piri-piri (roteiro do nordeste, 1977), vem dizer que foi Antônio Martins de Moraes que, apesar de esta em situação política desfavorável, este contou com a valiosa participação do seu filho Dr. José de Sousa Moraes, que foi pessoalmente discutir o problema de emancipação na capital do Estado,

Ainda pode ser compreendida a largueza de espírito dos formadores de Bonito de Santa Fé, sabendo-se que os mesmos abriam as portas para as pessoas operosas que pretendiam ingressar na atraente povoação a quem acolhiam sempre com carinho. Entre os ingressantes deve ser destacado José Marques Galvão, homem de visão, a quem a Bonito ficou devendo muito, pois instalou ali moderno maquinismo pra algodão, fábrica de doce, tipo “Pesqueira”, padarias, saboaria,

enquanto, noutros campos, dinamizava atividades também de natureza econômica inclusive de movimentar importante casa comercial, tudo contribuiu para o aumento de civilização, do evolucionista ambiente, ajudando, sobretudo, no preparo da terra para, um futuro não remoto, torna-se também sede administrativa [...] (LIMA, 1977, p. 164).

Ainda conforme o autor, vencidos todos os obstáculos, finalmente veio à publicação, no Diário oficial do Estado, do Decreto-Lei nº 1.164, de 15/11/1938, com a nomeação nessa data do primeiro Prefeito, cuja indicação recaiu na pessoa do médico Manoel Batista Leite e se deu a revelia da família Martins Morais, o que houve insatisfação entre as partes, uma vez que a família Martins Morais, segundo consta, foi a que mais fez no desdobrar para a emancipação política de Bonito de Santa Fé.

Sabe-se que o conhecimento histórico foi durante muito tempo marcado por narrativas positivistas que se preocupavam simplesmente em apresentar figuras políticas tidas como heróis como prefeitos, governadores e presidentes ou ainda eram narrados eventos de cunho lendário.

Era um tipo de história que se preocupavam com a exaltação de personalidades consideradas importantes. No que se refere à história de Bonito de Santa Fé, Lauro Lima (1977) foi expoente dessa perspectiva histórica. Numa abordagem intitulada O cavalo de piri-piri o autor acreditou que Bonito de Santa Fé é permeado pela história religiosa, segundo ele a religião tem um significado histórico para o município, estando, aliás, ligado à guerra com o Paraguai.

Aqui fazemos uma crítica a esta visão, uma vez que, essa marca religiosa é presente na constituição de quase todas as cidades, especificamente das cidades sertanejas que se desenvolveram nas margens dos rios e tinham como referência a construção de capelas. O nosso ponto de vista é o de que esses saberes que enfatizam muito a presença de tais questões sem considerar primeiramente os aspectos sociais, políticos e econômicos se baseiam em questões lendárias. A imagem a seguir é do santo Antonio padroeiro da cidade de Bonito de Santa Fé, trata-se de um dos símbolos religiosos do município. A outra imagem é de uma igreja pertencente a vila de Santa Fé. Bem antes de Bonito de Santa Fé ser um município, havia uma vila chamada Santa Fé, essa imagem foi o que sobrou da igreja daquela localidade, a vila foi totalmente destruída é o que se.



Figura 02: Fotografia do Santo Antônio encontrado por Manoel de Freitas e José de Freitas. Fonte: LIMA (1977).



Figura 03: Ruínas da Igreja de Santa Fé. Fonte: LIMA (1977).

2.2 Estrutura de poder e rede familiar no Município de Bonito de Santa Fé - PB 1970: da História Política administrativa

Sabe-se que a política de Bonito de Santa Fé, como a de outras cidades sertanejas foi fortemente marcada por esquemas/ redes de poder, onde se formavam alianças políticas com interesses semelhantes. Estes grupos desenvolviam relações amistosas entre si e entre sua parentela (troca de favores) e assim conseguiam se perpetuar no poder.

Em Bonito de Santa Fé isso pode ser constatado, pois predominou um esquema de poder que durou aproximadamente 45 anos. Durante esse tempo integrantes de uma única família se responsabilizaram pelos destinos políticos e administrativos da cidade¹.

¹ No início da administração, o primeiro interventor de Bonito de Santa Fé, Dr. Manoel Batista Leite, demonstrou logo o porquê da escolha ter recaído sobre o seu nome. Sua capacidade administrativa foi reconhecida, mas seu trabalho foi interrompido em virtude da tragédia epidêmica, que ceifou sua própria vida com apenas cinco meses à frente dos destinos político-administrativos do novo município. No transcorrer da história independente de Bonito de Santa Fé, foram nomeados os seguintes prefeitos: de 1936 a 1947, Manoel Batista Leite, Joaquim Amorim Zinet, José de Souza Moraes, José Ferreira Caju, Andreilino Timóteo de Souza e Assis Pereira daSilva. Pela via democrática, Bonito de Santa Fé teve os seguintes prefeitos constitucionais: Joaquim Amorim Zinet (1947 a 1951); José Dias de França (1951 a 1955); Aduino Luiz de Oliveira (1955 a 1959); José Ferreira Caju (1959 a 1963); Áurea Dias de Almeida (1963 a 1969); José Arruda Amorim (1969 a 1973); Sabino Dias de Almeida (1973 a 1977); Tiburtino de Almeida (1977 a 1983); Antônio Pedro das Neves (1983 a 1989); Sabino Dias de Almeida (1989 a 1992); Antônio Pedro das Neves (1992 a 1996); Sabino Dias de Almeida (1996 a 2000); Sabino Dias de Almeida (2000 a 2004); Josimar Alves rocha (2004 a 2009); Alderi de Oliveira Cajú (2009 a 2016). Vale resaltar ainda que no ano de 1963, quem foi eleito para prefeito foi Antonio Dias de Almeida, contanto não conseguiu chegar ao poder, isso por que foi assinado em praça pública, ocasionando assim uma nova eleição, pela qual foi conduzida a prefeita Aurea Dias de Almeida sua esposa e viúva. No transcorrer dos seus 75 anos de independência política, o município registra seis anos de intervenção estadual, com seis prefeitos nomeados e 14 prefeitos constitucionais. Vale salientar que a maioria destes prefeitos eleitos pela via democrática tinham relações estreitas de parentesco, ou então por troca de favores entre membros de famílias que detinham o poder na cidade, falar de estrutura de poder e rede familiar no Município de Santa Fé é dizer que as estruturas de poder estão intrinsecamente ligadas, isso por que não se escolhia ou elegia um governante sem que estes fossem parentes e quando não era parentes existia a troca de favores como apontado anteriormente, isso fica claro quando entra no poder Áurea Dias de Almeida em (1963 a 1969), tudo começa basicamente aí, na eleição seguinte apóia José de Arruda Amorim este não é da família mas tem interesse comuns que este venha a apoiar na próxima seu Filho Sabino Dias de Almeida que era apenas candidato a vereador na época. José de Arruda Amorim apóia Sabino Dias esse é eleito e ai começa o “reinado” da família ALMEIDA, havendo trocas de cargos entre Sabino Dias e Antônio Pedro das Neves nos anos seguintes: isso acontecia da seguinte forma em uma eleição Sabino Dias era o prefeito e Antônio Pedro o Vice e vice versa Cf. ROLIM, Agnaldo. Revista Centêlha. 2006, p. 18.



Figura 04: Foto da Avenida Áurea Dias de Almeida (1970). Fonte: Arquivo pessoal de José Arruda Amorim.

Na imagem acima percebemos os primeiros sinais da modernização da cidade, a exemplo dos postes que aparecem ao fundo. A partir dela podemos dizer que os caminhos se abriram para novos símbolos daquilo que era tido como moderno. Na imagem ainda percebemos que a rua ainda não é pavimentada e que existem postes de madeira dentro da cidade, uma espécie de gambiarra da energia. A seguir apresentaremos outra imagem (tirada quarenta anos depois) representativa da ideia básica da mudança ocorrida durante estas quatro décadas.



Figura 05: Imagem da Avenida Batista Leite (2010). Fonte: Arquivo Pessoal de José Arruda Amorim.

Usamos aqui a imagem da Avenida Batista Leite nos tempos atuais para ter uma ideia de como está uma das principais avenidas da cidade, como representação em que se é possível avaliar as mudanças ocorridas durante estas quatro décadas na principal Rua da cidade de Bonito de Santa Fé. Na primeira imagem existem postes de madeira e a praça está apenas iniciada, ainda não existe arborização na rua enquanto na segunda imagem já é o contrário, a praça está finalizada e há uma curiosidade, todas em forma de esse (S), é do nosso conhecimento que o (S) na praça se trata da primeira letra do nome do ex-prefeito da cidade Sabino Dias de Almeida. Segundo o que se sabe a intenção do citado prefeito era deixar sua marca na cidade e pelo que percebemos com o modelo da praça ele deixou sim, uma vez que esta é a avenida principal da cidade.

Essa imagem também é representativa da ideia do uso privado do espaço público, pois, muitas vezes se percebe que na administração dos municípios predominou uma indistinção entre as esferas públicas e privadas típicas daquilo que ficou conhecido como patrimonialismo. Como vemos na imagem, o prefeito que governava durante o período,

quis deixar sua marca por meio da construção das praças públicas que, como pode se notar, aparece em formato de S para fazer referência à letra inicial do seu nome. Deste modo, o político associava um bem público construído com dinheiro do município ao seu nome.

O que podemos dizer da cidade de Bonito de Santa Fé é que o lado político administrativo não está separado em nenhum momento da história dos cidadãos bonitenses é uma história que vem desde os primórdios e a imagem da praça vem apenas confirmar. A imagem comprova que a política esta presente em tudo na cidade até mesmo na aparição do moderno.

De maneira geral é isso que buscaremos aqui neste trabalho monográfico estudar os símbolos modernos que surgiram em Bonito de Santa Fé - PB a partir do ano de 1970 com a chegada da energia elétrica há de se discutir também que a modernidade não é algo inventado pela energia nem tão pouco, só a partir dela, no entanto nosso objetivo neste estudo é entender a modernidade a partir da chegada da iluminação pública, é isso que discutiremos no terceiro capítulo desta monografia.

CAPÍTULO III

O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO EM BONITO DE SANTA FÉ: A CHEGADA DA ILUMINAÇÃO PÚBLICA

Neste capítulo trataremos do processo de instalação da energia elétrica em Bonito de Santa Fé, ocorrido a partir de 1970. Assim, usaremos basicamente a história oral, uma vez que existe nada, ou quase nada, escrito sobre o período – talvez porque tenha se perdido ou então por falta de cuidado.

A escassa documentação encontrada sobre o período consiste em documentos existentes no Arquivo Público Municipal de Bonito de Santa Fé. Estes documentos são: recibos que datam do ano de 1950, 1954, 1958; uma certidão do ano de 1950; uma resolução do ano de 1954; um empenho do ano de 1958.

Os recibos do ano de 1950, 1954, 1958, consistem em declarações de empresas e pessoas físicas dizendo terem recebido da prefeitura uma quantia em dinheiro referente à entrega de materiais e à prestação de serviço relacionado à iluminação pública. Algumas empresas referem-se à entrega de motores e materiais, tais como parafusos e óleo diesel para a iluminação pública da cidade de Bonito de Santa Fé.

Sendo assim, os recibos permitem entender que a energia era ainda a motor e a carvão isso por que alguns destes documentos tratam da entrega de tais materiais. Estas fontes são muito relevantes, pois a partir da análise das mesmas se pode ter uma compreensão do cotidiano da iluminação na cidade de Bonito de Santa Fé².

A certidão encontrada é do ano de 1950. Veja-se o relato abaixo:

Certifico que a importância de sessenta cruzeiros (CR\$ 60, 00), acima demonstrada, foi integralmente paga pelo Sr. Prefeito Municipal, conforme recibo ou fatura arquivada à primeira via desta certidão, correspondente a duas (2) escovas de bronze, para empresa de luz deste Município [...]³.

² Para ser ter um entendimento minucioso dessas transações comerciais e do processo de iluminação na cidade em questão ver os recibos datados de 1950, 1954, 1958 respectivamente no anexo A, B e C

³ Certidão, 1950. Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé. Ver Anexo D.

Por meio da leitura deste fragmento percebe-se uma relação comercial onde a o Município declara ter pagado um valor para a compra de escovas de bronze que seriam utilizadas pela companhia de luz. A função dessas escovas era limpar as peças do motor, que ficavam sujas de óleo.

A resolução, encontrada no Arquivo Municipal, consiste em um documento do governo do Estado da Paraíba para a Câmara Municipal de Bonito de Santa Fé. O conteúdo da mesma trata da aprovação de créditos do prefeito Aduino Luiz de Oliveira para despesas referentes a materiais e trabalhos oferecidos a prefeitura para a iluminação pública do Município, em anexo se pode ver as notas com a lista de materiais. Vejamos um fragmento deste documento:

[...] Nota n. 2. Visto: a José Dias de França Prefeito Municipal. Governo Municipal. Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé. CR\$ 8.818, 00. Fica o Senhor Aduino Luiz de Oliveira creditado pela importância acima demonstrada de oito mil oitocentos e dezoito cruzeiros (CR\$ 8. 818) fornecida para ocorrer ao pagamento da despesa a ser efetuada pela tesouraria desta Prefeitura, conforme vai especificado abaixo:

1º Óleo fornecido ainda na ausência do Sr. Prefeito Dr. José Dias de França CR\$ 2. 880, 00
2º Óleo fornecido durante o mês de maio de 1954
4.590, 00⁴

Como se pode observar por meio do fragmento acima o óleo mencionado no documento era utilizado para abastecimento do motor que fornecia energia para a cidade. Então, de modo resumido, pode se perceber que o processo de iluminação pública na cidade de Bonito de Santa Fé passou por fases distintas. Num primeiro momento a iluminação se deu por meio do uso de motores que eram movidos a óleo. Isto fica bastante visível quando se observa a descrição contida em um recibo datado de 1954. Veja-se:

Recebi da Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé, a importância supramencionada de quatrocentos e quarenta e sete cruzeiros (CR\$ 447, 00), proveniente de minha viagem a Cajazeiras buscar os materiais constantes da nota fiscal nº 2.568 de 11.2.54 que lá se encontrava e ao mesmo tempo fazer aquisição de óleo lubrificante para o motor da empresa de luz desta cidade [...]⁵.

⁴ Cf. Arquivo Municipal da Prefeitura de Bonito de Santa Fé-Paraíba – Resolução de 1954. Ver anexos.

⁵ Cf. Arquivo Municipal da Prefeitura de Bonito de Santa Fé-Paraíba – Recibo de 1954. Ver anexos.

Após um determinado período a cidade obteve a energia elétrica da forma que conhecemos hoje. Vale ressaltar que após a implantação da energia elétrica (ou seja, quando este tipo de energia substituiu o uso de motores), Bonito de Santa Fé passou a fornecer energia para o Distrito de Viana. Sobre isto, ao tempo em que se analisava a documentação, nos deparamos com um empenho datado de 07 de janeiro de 1980 (época do governo do prefeito Antônio Pedro das Neves). O conteúdo do referido documento mostra que a quantia de CR\$ 10. 924, 29 foi empenhada para o pagamento do consumo de energia elétrica da cidade e do distrito de Viana deste Município⁶. O município em questão também fornecia energia elétrica para a vila de Monte Horebe. Perceba-se isso através do fragmento de um recibo datado de 1958.

Recebi da Prefeitura Municipal de Bonito de Santa Fé, a importância supramencionada de quarenta e três mil e setecentos cruzeiros (CR\$ 43. 700, 00), em pagamento do fornecimento e transporte de óleo combustível e lubrificante e demais materiais elétricos para a empresa de luz da cidade e da vila de Monte Horebe⁷.

A história oral neste capítulo será fundamental porque outros documentos mais específicos não foram encontrados. Hoje, graças ao avanço da historiografia, que vem ampliando as possibilidades de fontes documentais, podemos utilizar a história oral como fonte de pesquisa para concluirmos o trabalho. Para Leandro Karnal e Flávia Gali Tastch, em artigo intitulado “A memória evanescente”, o século XX instigou a ampliação de objetos históricos em virtude do surgimento de novas correntes historiográficas. Por isso, atualmente é possível se fazer estudo sobre a história oral, a história das imagens, a história da criança, a história das mulheres, a história do corpo e muitas outras. Essas mudanças implicaram também na ampliação de temas e culminou com a ampliação da noção de documento (KARNAL & TASTCH, 2008, p.15).

De acordo com os autores, a categoria documento define uma parte importante do campo de atuação do historiador e a amplitude de sua busca (KARNAL & TASTCH, 2008, p.10-12). Em resumo, pode se dizer que “*documento histórico é qualquer fonte sobre o*

⁶ Cf. Arquivo Municipal da Prefeitura de Bonito de Santa Fé-Paraíba – Empenho de 1980. Ver anexos

⁷ Cf. Arquivo Municipal da Prefeitura de Bonito de Santa Fé-Paraíba – Recibo de 1958. Ver anexos.

passado, conservado por acidente ou deliberadamente, analisado a partir do presente e estabelecendo diálogos entre a subjetividade atual e a subjetividade pretérita” (KARNAL & TASTCH, 2008, p. 24).

Neste trabalho, nos orientamos principalmente por meio da fonte oral. Outras autoras que utilizamos foram Janaína Amado e Marieta de Moraes que estudam a história oral como disciplina e fonte para o historiador. As autoras chamam a atenção para o fato de que a história oral se introduz no Brasil a partir dos anos 1970, contudo, foi no início dos anos 1990 que se expandiu. Isso se deu em virtude da propagação de seminários e o uso pelos programas de pós-graduação em história, indicando a relevante vitalidade e dinamismo da área (AMADO & FERREIRA, 2006, p. 9).

Diante do exposto, tentaremos reconstituir, através de depoimentos de algumas testemunhas oculares, a memória que os mesmos têm sobre a instalação da energia em Bonito de Santa Fé. No entanto, reconhecendo que os depoentes falam a partir de um lugar social e que essa nossa escolha seria apenas uma dentre as várias possibilidades de análise, seria apenas um dos vários olhares que poderiam ser lançados sobre este fato que tanto possibilitou mudança a cidade. Assim, através do conjunto de memórias, tentaremos construir a memória coletiva - de um grupo específico no que se refere às mudanças ocorridas na vida pública e privada dos bonitenses. Não podemos deixar de que comentar que cada um dos depoentes fala de uma forma particular a respeito da chegada da energia.

A primeira experiência com energia elétrica em Bonito de Santa Fé é datada de 1970 com serviços prestados, distanciando 50 anos da chegada da energia elétrica na Paraíba que foi em 1920. A chegada da energia marca um momento em que a cidade veio sendo revestida de características que representam o moderno, como serviços de utilidade pública (água encanada, calçamento e saneamento básico), vindo complementar um cenário que intitulamos de progresso, trazendo conseqüentemente melhorias na vida dos cidadãos. Para ter uma ideia da cidade antes do período de modernização, cabe observar que no momento que antecede a existência de saneamento básico em Bonito de Santa Fé, as pessoas faziam uso da lavanderia pública. Naquela época inexistia água encanada e a população utilizava água proveniente de um poço nas proximidades da lavanderia, esta era cercada de arames nos quais as roupas seriam estendidas, como se pode notar na fotografia

que se segue.



Figura 06: Lavanderia pública. Fonte: Arquivo Pessoal de José Arruda Amorim.

Desse modo, percebemos que a iluminação pública trouxe mudanças aos bonitenses. Sobre estas transformações, José de Amorim, em entrevista, afirma que “houve sim uma nova forma de viver. Por exemplo, algumas alterações no modo de vida do povo das cidades chegou a televisão, a energia trouxe novidades. Mas tem uma coisa por incrível que pareça as festas eram maiores antes da chegada da energia elétrica”.

Assim, através do discurso de José de Amorim⁸, na entrevista concedida, as festas de Santo Antônio tinham grande brilhantismo, que hoje não tem, e eram realmente festas da igreja, hoje são festas do comércio, festas de rua que, inclusive, não arrecadam nem para paróquia. Então, de acordo com a perspectiva de Amorim, de modo contrário ao que se costuma cogitar, a energia elétrica não provocou um aumento do movimento de pessoas nas festas, mas reduziu.

Em outro momento, Amorim afirmou que a energia elétrica, antes da eletrificação das “chaves”, era mantida pela prefeitura. Além disso, não era alimentada a carvão, mas sim a óleo diesel. Para ele “houve um período muito diminuto que quando o motor da luz

⁸ Entrevista concedida por José Arruda Amorim em 26 de dezembro de 2013.

estava em pane aí tinha o motor a vapor de Anísio Timóteo, não era a carvão, era a lenha”. Não houve eletrificação a carvão em Bonito, houve a lenha, mas não para a cidade. Quando não havia luz na cidade, o vapor, como era conhecido, era ligado. O vapor que fornecia energia para a igreja e só pra igreja.

Abaixo temos uma reportagem da Revista Veja, onde José Amorim trata sobre a questão da água e da luz em Bonito de Santa Fé. Vejamos o que diz essa fonte:

mou-o de "teimoso", por insistir na reforma agrária, e lhe pediu "mais trabalho e menos literatice". Mas um outro general lhe deu uma solidariedade muito importante: o Ministro do Interior, General Albuquerque Lima, que disse num giro de dez dias pelo Nordeste: "Sem a reforma agrária, veremos por terra todo o nosso esforço em promover a industrialização do Nordeste". O antigo Secretário da Segurança de Pernambuco, Álvaro da Costa Lima, apontado como torturador de esquerdistas, afirmou: "Os usineiros que querem fazer viagens à Europa e ter casas nas praias da Boa Viagem e de Copacabana e não querem a reforma agrária são meus inimigos, pois se tornam os maiores fabricantes do comunismo".

Reforma é a nacional — O IV Plano Diretor não faz reforma agrária. O General Bentes explica: "A reforma agrária é um problema nacional, não é só do Nordeste". Nos próximos cinco anos, a Sudene pretende fazer "uma espécie de reforma agrária": vai irrigar 100 000 hectares de terra e nos projetos de irrigação a terra é sempre desapropriada e redistribuída. Técnicos da Sudene afirmam que vai custar NCr\$ 5 bilhões e 655 milhões — as despesas totais do Governo Federal no ano que vem serão de NCr\$ 14 bilhões — e acham muito difícil que os 100 000 hectares sejam superados em cinco anos. A Sudene quer aumentar a produção de açúcar por hectare (40 toneladas no Nordeste, 80 a 120 em São Paulo e 200 no Havai), para liberar terras, mantendo a mesma produção atual. As terras não mais necessárias para o açúcar seriam desapropriadas e redistribuídas, pagando-se em títulos da dívida agrária (e em dinheiro só as beneficentárias), para produzir alimentos. Os proprietários que não fizerem esse acordo perderão o subsídio federal do açúcar.

Que é o Novo Nordeste? — Até hoje, fora experiências isoladas, só há 10 000 hectares irrigados, na fronteira de Pernambuco com a Bahia. Mas a produção de trigo em Bebedouro de Petrolina provou que as margens do rio São Francisco, quando irrigadas e adubadas, dão duas vezes mais trigo por hectare do que o produtor mais eficiente do mundo, o Canadá. E o Centro Industrial de Aratu, dentro de poucos anos, tornará a Bahia um grande Estado industrial, disputando com Minas Gerais o terceiro lugar no País, depois de São Paulo e Guanabara. Que é o Novo Nordeste? "O lema do Novo Nordeste não é o retrato da situação atual. É uma bandeira para o futuro, uma bandeira para o desenvolvimento. Essa bandeira defende a manutenção e a expansão dos programas atuais, para que daqui a dez anos haja um novo Nordeste", diz João Agripino. ○

A Suíça da Paraíba, ainda o velho Nordeste

"A Sudene? Este bicho ainda está para chegar aqui", diz José Arruda Amorim, prefeito recém-eleito de Bonito de Santa Fé, município paraibano de 8 500 habitantes, encostado ao Ceará e Pernambuco, que nunca recebeu nenhum benefício ou assistência nos nove anos de vida da Sudene. Por ser menos quente que outras cidades da Paraíba, o Senador Argemiro de Figueiredo a chama de "a Suíça brasileira", o que talvez signifique que a Suíça é o Bonito de Santa Fé da Europa. Na eleição de outubro, finalmente os ex-udnistas voltaram ao poder, depois de vinte anos de domínio dos ex-pessedistas. José Arruda Amorim é filho do último prefeito ex-udnista. Em sua cidade só há uma rua calçada, na frente da Igreja. Em compensação, não há carros, só alguns jipes dos proprietários de terras e dois caminhões que levam carga e passageiros. Com os jumentos — em Bonito de Santa Fé até hoje não se viu um ônibus — formam a rede de transportes da cidade, a 400 quilômetros de João Pessoa, em linha reta. Também nunca houve ali jornal ou revista, nem chegam de fora. Em compensação, a maioria da população da cidade é analfabeta. Há um ginásio na cidade e seiscentos alunos no primário, que tem 240 professores (alguns mal sabem ler) com salário de NCr\$ 5,00 por mês, enquanto os estaduais recebem NCr\$ 42,00. Diz a ex-UDN que o grande número de professores se deve à máquina eleitoral do ex-PSD. Os professores do ginásio são três; o promotor, o juiz e o dentista, isto é, Amorim, que agora é prefeito. Não há médico que também seja professor porque em Bonito de Santa Fé não há nenhum médico. Amorim é prefeito-dentista-professor-médico e curandeiro, como ele diz.

ÁGUA E LUZ — Há muitos anos os postes estão instalados, mas não se sabe quando a energia elétrica chegará a Bonito de Santa Fé. Não há também rede de água e o Governo do Estado está discutindo se manda abrir um poço ou construir um açude, para o que a terra seria carregada

em lombo de jumento. Há duas farmácias na cidade e, segundo o Prefeito Amorim, "no dia em que ficarem prontos o hospital e a maternidade, construídos com dinheiro doado pelos filhos da cidade que emigraram para outras regiões, talvez haja condições para sensibilizar um médico a se mudar para Bonito". Agora com salário de prefeito — NCr\$ 300,00 por mês —, Amorim ganhou o apelido de "Zé do Povo", na campanha eleitoral, sempre vestido de "slacks" tipo Jânio Quadros. Ponto alto de seu programa: a construção de duas lavanderias públicas.

UM PISTOLEIRO EM SANTA FÉ — Amorim pretende, até sua posse em janeiro, ficar viajando entre João Pessoa e Recife para ver se consegue arrancar alguma coisa da Sudene para as mulheres, que são "bonitenses", e os homens, que são "de Bonito". Mas são viagens que fará sem grandes esperanças: "A Sudene não se preocupou com o homem. Novo Nordeste não existe, é uma mentira, um embuste. Se existe, é só para as grandes cidades". Enquanto a Sudene não chega, os bonitenses — ou "os de Bonito" — continuarão a cuidar do algodão, do sisal e do gado magro nos 300 quilômetros quadrados do município. A grande novidade é que José de Dó, pistoleiro nascido em Bonito de Santa Fé e famoso em toda a Paraíba, ganhou liberdade condicional e está de volta à terra. Para descansar ou matar alguém? Não se sabe. Em 1964, o prefeito eleito, do ex-PSD, Antônio Lima, nem chegou a ser diplomado, pois foi morto por um pistoleiro. Sua viúva, Aura de Almeida, venceu as novas eleições também pelo ex-PSD e ela é quem vai entregar o cargo a José Amorim. Ela foi correndo avisar o novo prefeito ex-udnista que José de Dó estava de volta. Talvez temesse que também o novo prefeito fosse assassinado. José Amorim, se serviu de um novo copo de pinga. É George, um americano voluntário do Corpo da Paz, que já chegou a Bonito antes da Sudene, lembrou sorrindo que na semana seguinte iria voltar para Ohio.



O Prefeito Amorim: água ainda vem.

11/12/68

25

Figura 07: Reportagem da Veja em 11/12/1968. Fonte: Arquivo pessoal de José de Amorim. Como se pode perceber através do documento, já havia muitos anos que os postes estavam instalados. Entretanto, não se sabia a data certa que a energia chegaria a Bonito de Santa Fé. Então é possível inferir que o processo de implantação da energia elétrica na cidade foi assinalado pela lentidão.

Além disso, a reportagem mostra a cidade de Bonito como sendo um lugar atrasado, onde os benefícios da SUDENE (Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste) ainda

não tinham chegado às ruas não eram calçadas, os professores não sabiam ler, o índice de analfabetismo era grande, os salários eram muito baixos; predominava carência de transportes, água, energia e saneamento básico. Possivelmente a imagem mostrada pela reportagem objetivava atrair o olhar dos governantes para o município, visto que se observa certo exagero no discurso do prefeito.

Mesmo diante das adversidades do período, segundo relatos das testemunhas, Bonito de Santa Fé viveu um momento de deslumbre com a implantação da energia elétrica. Isso pode ser visível mediante as falas dos entrevistados que, apesar de usarem palavras diferentes, dizem o mesmo, que viam a felicidade estampada nos rostos das pessoas.

Outro fato que nos chamou bastante a atenção está relacionado ao abastecimento da energia antes da eletrificação a motor e que poucas pessoas tinham acesso a essa energia. Luís Freitas Neto (Luís Paulino) fala que “graças a este motor foi possível à criação do principal colégio da cidade, o Monsenhor Morais, até hoje com esta denominação”. Conforme a entrevista concedida pelo cidadão mencionado, somente a Escola Monsenhor Morais tinha um motor e este mesmo motor era usado pelo diretor para iluminação da sua residência e só podia ficar ligado até às dez horas da noite. Mais uma vez percebemos a presença do patrimonialismo, ou seja, uma não diferenciação entre aquilo que é público e o que é privado, pois a energia que deveria ser usada para a escola estava sendo desviada para iluminar a residência do diretor.

Quem também nos fala a respeito deste motor é Zé Popô⁹ que, inclusive, recebeu esta alcunha por conta do barulho que fazia o motor de abastecimento da energia a óleo diesel na cidade, uma vez que era ele quem ligava e desligava o equipamento. Popô cita o exemplo da Escola Monsenhor Morais, como também o exemplo das melhorias que a eletrificação trouxe para a cidade de Bonito, além de comentar a questão da modernização da cidade e a forma de consumo das pessoas, “tudo mudou, houve melhorias”. Em se tratando de tais mudanças podemos perceber que até mesmo a sociabilidade modificou-se. Sobre esta questão, José Amorim mostrou que “os casais de namorados ficavam na rua até mais tarde porque naquela época não podiam chegar em casa depois das nove horas porque

⁹ Entrevista concedida por José Sebastião de Sousa em 10 de novembro de 2013.

a moça poderia ficar falada na sociedade”. Com a chegada da energia isso efetivamente mudou.

Um artigo de Gelvam Luiz Honsen intitulado “Espaço e Tempo na Modernidade” propõe essa discussão. Segundo ele, “a modernidade recebe essa denominação para configurar e denotar uma configuração no modo de compreensão do mundo que se observa a partir de meados do século XV e que se desenvolve até hoje”. De acordo com Honsen o mundo moderno é regido pela razão a qual tudo justifica. Neste sentido, as explicações teleológicas não são mais centrais no entendimento do homem moderno. Então é a figura humana que passa a conferir sentido ao tempo e ao lugar no qual está inserido (HONSEN, 2000, p. 52).

O espaço e o tempo são fatores essenciais para a compreensão do tempo histórico, o historiador consegue analisar um fato considerando o meio em que está inserido e também o período no qual foi vivenciado. Honsen, em sua dissertação, cita como exemplo a concepção de espaço e tempo em diversos períodos históricos e no período moderno nota que existe um ideal evolutivo de tempo que tenderá para uma visão progressiva e expansiva do espaço; ele diz que “as conquistas advindas das diversas ciências e o avanço tecnológico que atingiu níveis espantosos no século XX trouxeram uma nova atitude frente ao lugar onde vive e os momentos vividos” (HONSEN, 2000, p. 54).

Em alguns momentos da fala dos entrevistados pode-se perceber um elemento apontado por Hansen qual seja: “uma nova atitude frente ao lugar onde vive”, pois os tais entrevistados viam com deslumbre o novo cotidiano na cidade.

Sabe-se que com o advento da modernidade muitas vidas foram modificadas e também o modo como percebiam o tempo e o espaço no qual estavam inseridos. Mesmo que de forma indireta, o testemunho de José Feitosa¹⁰ menciona este ponto, quando ele nos fala a respeito da forma como as melhorias com o advento da energia elétrica afetou a ele próprio. Ele afirma que era sapateiro de profissão, só que seu “trabalho era todo manual e com a chegada da energia elétrica pude melhorar, comprei máquinas e aprimorei serviços”. O entrevistado afirmou que, além das mudanças, foi uma evolução total, uma vez que as pessoas passaram a possuir enceradeira, liquidificador, geladeira e televisão para usar.

¹⁰ Entrevista concedida por José Feitosa de Moura em 17 de novembro de 2013.

Para melhor compreendermos a fala do entrevistado, Paulo César Garcez Marins em capítulo intitulado “Habitação e vizinhança: limites da privacidade no surgimento das metrópoles brasileiras” aponta como as transformações ocorridas no meio social afetaram o cotidiano da população. Ele destaca as transformações que ocorreram no Rio de Janeiro, impulsionadas por um novo dinamismo no contexto econômico. Foi ali que ocorreu o primeiro grande exemplo de modernidade no Brasil. Marins enfatiza as transformações pelas quais as vidas privadas das pessoas tiveram que passar. Essas transformações ocorreram em um ritmo frenético e as pessoas que eram acostumadas com outro tipo de vida se viram às voltas de um mundo em constante movimento e com uma população agressiva, agitada e competitiva. Nesse contexto segundo Marins *“acusadas de atrasadas, inferiores e pestilentas, essas populações seriam perseguidas na ocupação que faziam das ruas, mas, sobretudo seriam fustigadas em suas habitações”* (MARINS, 1998, p.133).

Na Paraíba, perceberemos essas mudanças através do trabalho de Gervácio Batista Aranha (2008) quando enfatiza que, entre os séculos XIX e XX, o mundo passou por uma total redefinição em termos de um novo espaço e tempo, em meados do século XIX. Aranha delinea os impactos que equipamentos urbanos de uso coletivo trouxeram para a comunidade paraibana, ao afirmar que

[...] equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanada e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada etc.), nos transportes e comunicações (sistemas telegráfico, telefônico, ferroviário etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros (ARANHA, 2008, p. 100).

No caso de Bonito de Santa Fé foram chegando aos poucos os principais sinais de modernidade e a iluminação pública foi o ponto de partida que, de certa forma veio alterar o cotidiano dos mesmos.

Como já foi mencionado em outra parte deste trabalho, muitas transformações se fizeram visíveis na cidade de Bonito, proporcionando à população as condições básicas para se viver com um mínimo de conforto, pois, naquele momento se podia notar uma melhoria no funcionamento do Banco do Brasil e também nos serviço dos correios. O

tempo destinado ao funcionamento das escolas aumentou e, ainda, o Hospital Honorina Tavares de Albuquerque teve seus serviços ampliados.

Sabe-se que a população não teve acesso igual a estes benefícios, pois nem todos tinham condições financeiras para usufruir. Assim, Amorim, em sua entrevista afirmou que a sociedade passou a sentir mais de perto a diferença entre as classes sociais. Contudo, para outros, como Zé Popô a energia elétrica beneficiou muito a população, as melhorias foram bem nítidas de seu ponto de vista. Luís Paulino¹¹ foi outro que viu de forma positiva os resultados da implantação da energia elétrica em Bonito de Santa Fé. José Feitosa também acredita que a chegada a da energia elétrica foi benéfica, uma vez que possibilitou melhoria no seu ofício de sapateiro.

¹¹ Entrevista concedida por Luiz Freitas Neto em 25 de novembro de 2013.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo buscou compreender de que forma a chegada da energia elétrica transformou a cidade de Bonito de Santa Fé. Para tanto, trabalhamos com documentos encontrados na prefeitura da cidade e com depoimentos de pessoas ligadas à chegada da eletricidade.

Em primeiro lugar, consideramos notável observar que a chegada da energia trouxe mudanças que provocaram dinamismo na economia. Exemplo disso foi à introdução de alimentos congelados. Antes disso as carnes eram apenas salgadas. Tal dinamismo veio a modificar toda a vida da população. Esse cotidiano marcado agora por aspectos modernos pode ser entendido através das falas dos entrevistados como se viu ao longo do trabalho.

Atualmente a eletricidade torna-se tão importante que muitas das vezes nos questionamos se é possível viver sem ela. Imaginemos então como era a vivência daquelas pessoas no distanciado sertão sem fazer uso dos serviços que atualmente são tão indispensáveis para nós. Pois, foi somente a partir da segunda metade do século XX que essa modernidade chegou ao município de Bonito de Santa Fé.

A chegada da energia elétrica possibilitou a construção de edifícios públicos na cidade, como a prefeitura, o mercado central, como também as escolas. Essa modernidade foi importante para a sociedade, pois teve um aspecto relevante, principalmente no que diz respeito às questões sociais, tais como festas, espaços urbanos, construção de postos de saúde, hospitais, clubes entre outros.

Nesse sentido percebe-se que com a chegada da energia elétrica a cidade modernizou o cotidiano das pessoas, uma vez que as mudanças vão surgindo de acordo com as necessidades, pois à medida que a sociedade cresce, suas necessidades aumentam e com isso as coisas tendem a se transformar.

A eletricidade apareceu na historiografia brasileira como um dos fatores determinantes do processo de modernização dos centros urbanos, ocorrido de formas mais intensa entre fins do século XIX e início do século XX [...] (GUIMARÃES 2009. p. 17).

Com isso, o enfoque acima citado mostra claramente o impacto que causou a chegada da energia elétrica aqui no Brasil, que chegou inicialmente nas grandes cidades e posteriormente se expandiu para outras regiões do Brasil, como o Nordeste que no contexto histórico é tido como região mais pobre do Brasil.

Com a modernização essas regiões tiveram oportunidade de melhorarem suas perspectivas no sentido de terem melhores condições de empregos, uma vez que com esse advento da modernização houve um melhoramento das condições de vidas pessoas, tanto no que diz respeito à saúde pública (saneamento básico, rede de esgoto e calçamento entre outros, como também no funcionamento de estabelecimento que passam a funcionar dia e noite, possibilitando mais lucro para as empresas e assim aumentando o número de empregos).

Assim, podemos perceber que a chegada da energia aqui teve a mesma proporção, pois a cidade ganhou um novo estilo de vida, as pessoas passaram a dormir mais tarde, as crianças passaram a brincar mais nas calçadas durante as noites, visto que antes “ninguém saía” de casa em virtude da escuridão que dominava a cidade. Antes tinha um prazo determinado, que fosse às 21h, todo mundo estaria em casa, pois era a hora de desligar o motor que funcionava a óleo diesel.

Percebemos que houve uma mudança no cotidiano, até as festas que não eram frequentes passaram a estender-se por mais tempo. Vale salientar que não eram todos que tinha energia em casa, mesmo com a chegada da mesma era apenas os ricos que podiam ter, os pobres ainda continuavam a usar a lamparina (candeeiro), ou seja, era um privilégio dos ricos:

[...] O choque era também uma novidade com a qual a população passou a conviver e que desmascarava um lado nada seguro dessa inovação. O choque era um perigo eminente que havia invadido o cotidiano das pessoas, e interferiu nos seus hábitos caseiros, como nas brincadeiras de crianças [...] (GUIMARÃES,2009 p. 97).

Todas essas mudanças no estilo de vida das pessoas e no cotidiano de modo geral não podem deixar de ser notadas, pois é o que se entende mediante as falas de Zé Popô, Luis Paulino e José Feitosa. Todos eles concordaram que o advento da energia elétrica

promoveu grandes melhorias na sociedade.

Contudo, é importante frisar que José de Amorim apesar de também pontuar os resultados benéficos agora visíveis apontou que a introdução da energia elétrica não promoveu o desenvolvimento das festas do padroeiro da cidade. Por que segundo ele houve certo esvaziamento das mesmas festas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABE SABBAG, Juliana Albuquerque. **Brasília, 50 anos: do urbanismo moderno ao planejamento estratégico**. Brasília: 2012 (Dissertação de Mestrado). Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/10730/1/2012_JulianeAlbuquerqueAbeSabbag.pdf. Acessado em: 06. jul. 2014.

ARANHA, Gervásio Batista. (Org.). **A Parayba do Norte na passagem do Século XX: Vida Urbana e Modernidade**. In: História da Paraíba. Campina Grande: editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2008. p. 99-108.

_____, Gervásio Batista. (Org.). **O Trem de ferro na Parayba do Norte**. In: História da Paraíba. Campina Grande: editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2008. p. 111-121.

AGRA DO Ó. Alarcon. **Da cidade, e de pedra a papel: projetos de Educação, projetos de Cidades-Campina Grande (1959)**. Campina Grande: EDUFCEG, 2006.151p

ANDRADE, Alenuska Kelly Guimarães. **A eletricidade chega à cidade: inovação técnica e a vida Urbana em Nata (11911-1940)**. In: dissertação de Mestrado em História. 2009.174f.

BRESCIANI, Maria Estella. **Cidade & História: Modernizações das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX (S/D)**

_____, Cidade e História. In: **Cidade: História e desafios**. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. FGV. 2002.

CARDOSO, Ciro Flamariom e VAINFAS, Ronaldo. História Urbana. In: **Domínios da História**. 19º Ed. Rio de Janeiro. 1997. pp,150-201.

CARPINTÉRO, Marisa Varanda Teixeira & CERASÓLI, Josianne Francia. **A cidade como História**. História: Questões & Debates, Curitiba, n. 50, p. 61-101, jan./jun. 2009. Editora UFPR.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**/Michel de Certeau; tradução de Ephraim Ferreira Alves. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CIDADES: **Revista científica / Grupos de Estudos Urbanos** – Vol.1, N. 1, 2004- Presidente Prudente: Grupo de Estudos Urbanos, 2004-v.5, n.7: 23 cm.il.

FORMIGA, Helmara Gicelli Wanderlei. **O espetáculo da noite em Pombal: A luz dita moderna e as representações sobre a escuridão**. In: **Cidades e experiências Modernas**. Campina Grande, EDUFCEG, 2010.

KARNAL, Leandro & TASTCH, Flávia Gali. **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla

Bassanezi & LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 9-27.

LIMA, Lauro G. **O cavalo de Piripiri**. Roteiro do Nordeste, 1977.

LEGOFF, Jacques. **História e memória**. 5ª ed. Campinas, SP. 2003.

MARTINS, Paulo César Garsia. **Habitação e Vizinhaça**: limites da privacidade no surgimento da metrópoles brasileiras. In: NOVAIS, F. A. et. al. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 131-214.

HANSEN, Gilvan Luiz. **Espaço e Tempo na Modernidade**. 2000, p. 51-65.

ROLIM, Agnaldo. Dr. Batista Leite: 100 anos de nascimento. In: **Revista Centêlha**. Bonoto de Santa Fé, p. 5 – 18, nov. 2006.

ROLNIK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

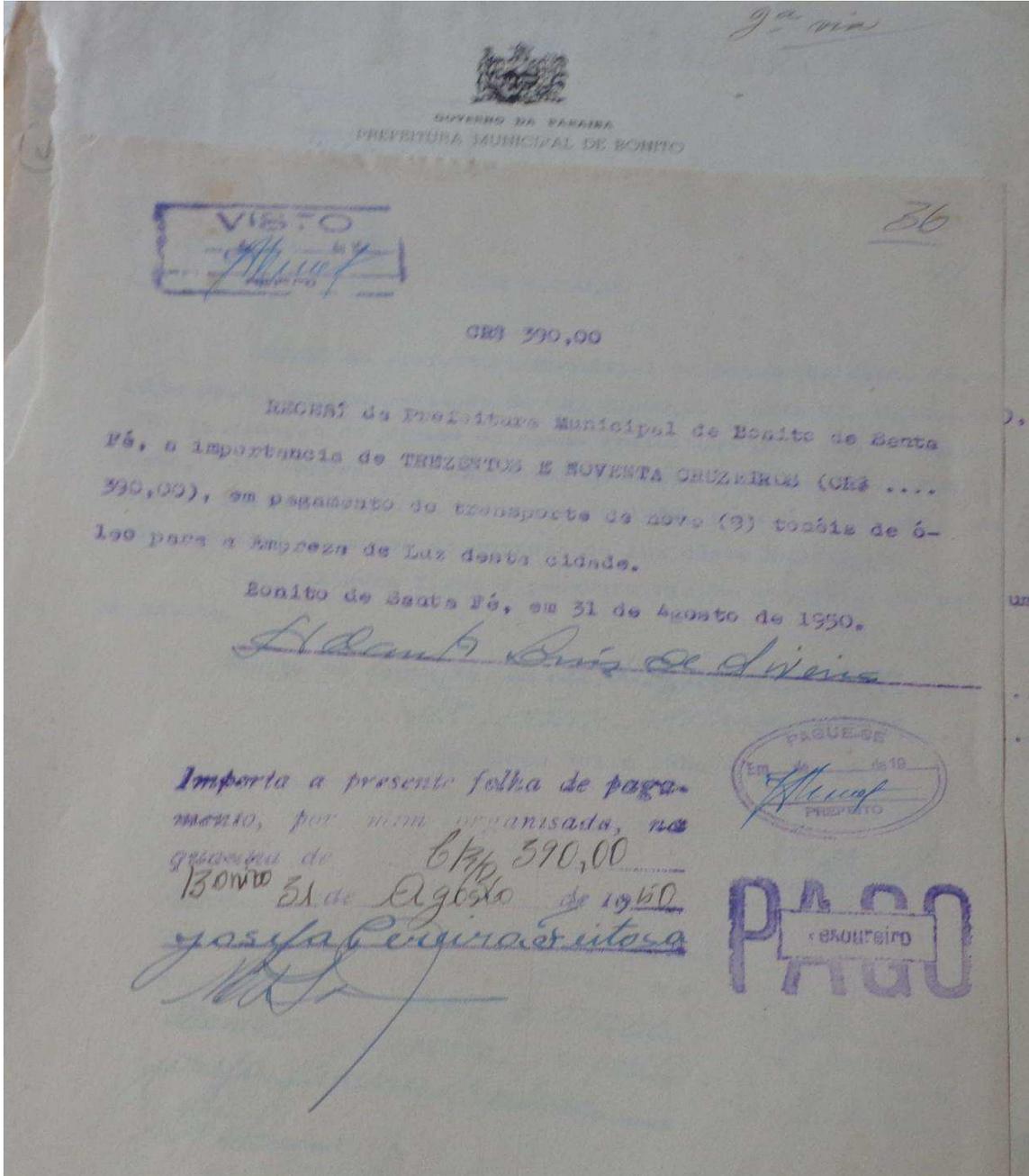
SOUSA, Fabio Gutemberg R. B. (Org.). **A Parayba na Primeira Metade do Século XX**: Transformações Urbanas. In: História da Paraíba. Campina Grande: editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2008. p. 125-139.

VOLDMAN, Daniéle. **A invenção do depoimento oral**. In: Usos e abusos da história oral. Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira (Orgs.). - Rio de Janeiro: editora Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 248 - 265.

ANEXOS

ANEXO A

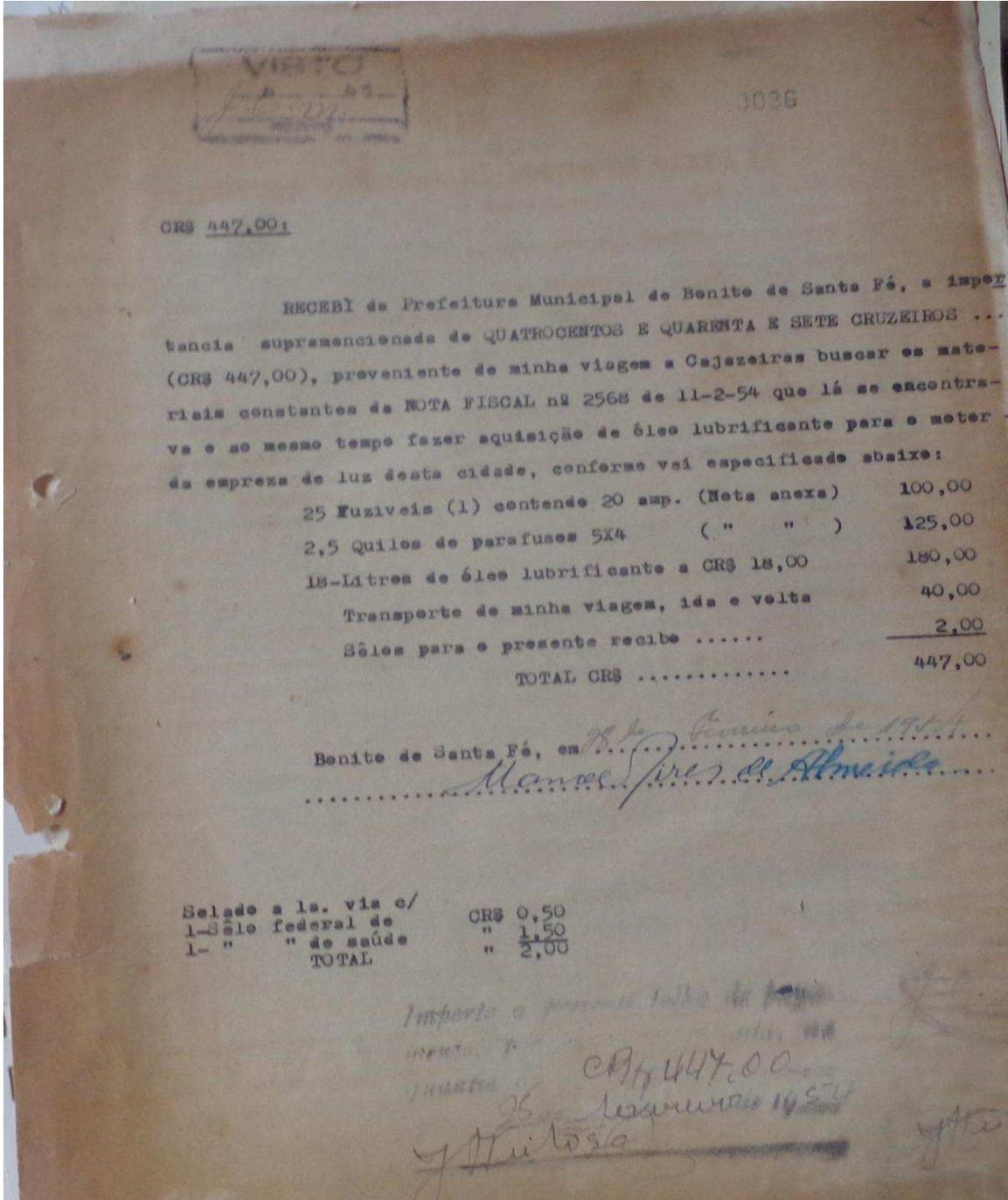
Recibo de 1950



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO B

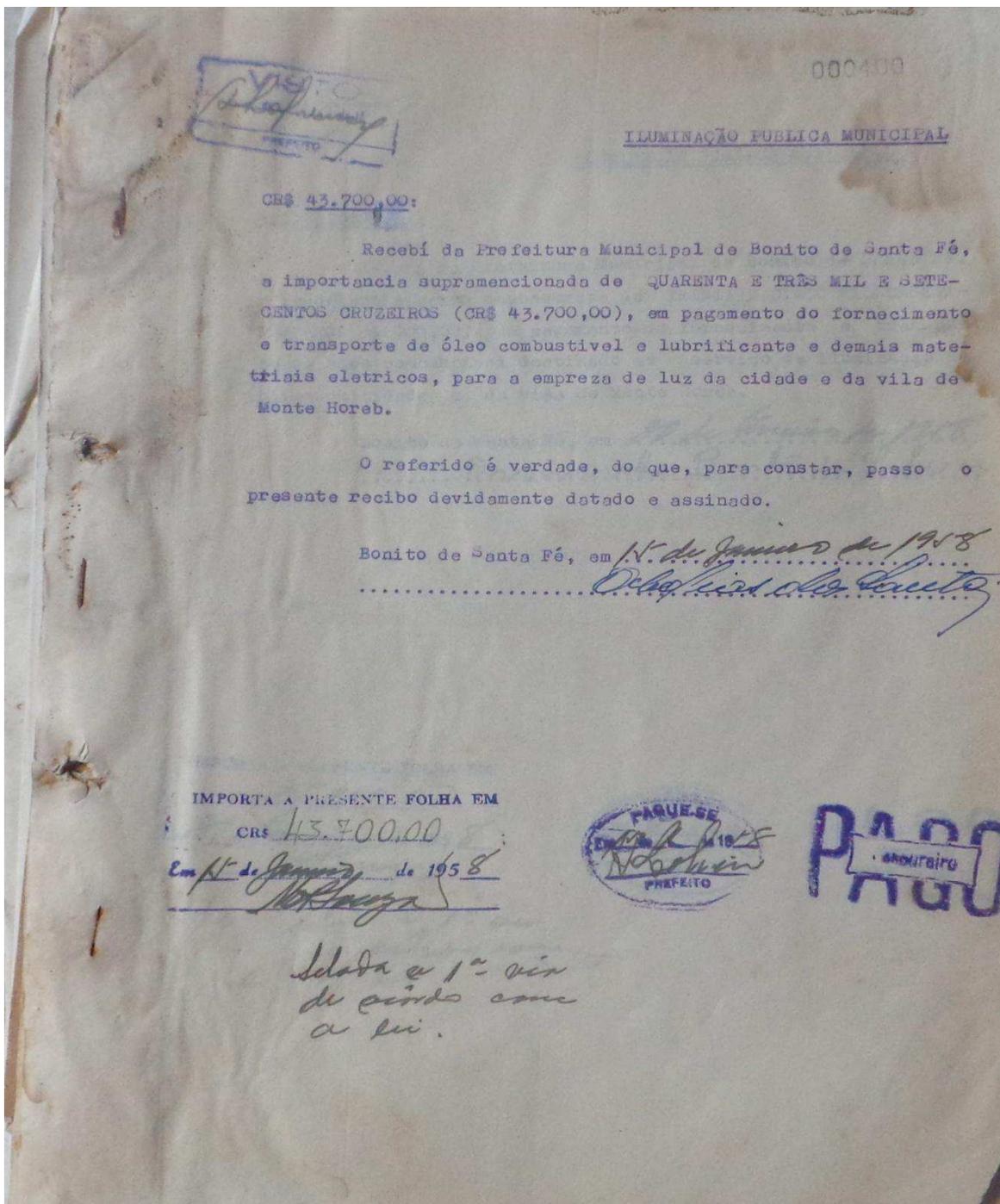
Recibo de 1954



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO C

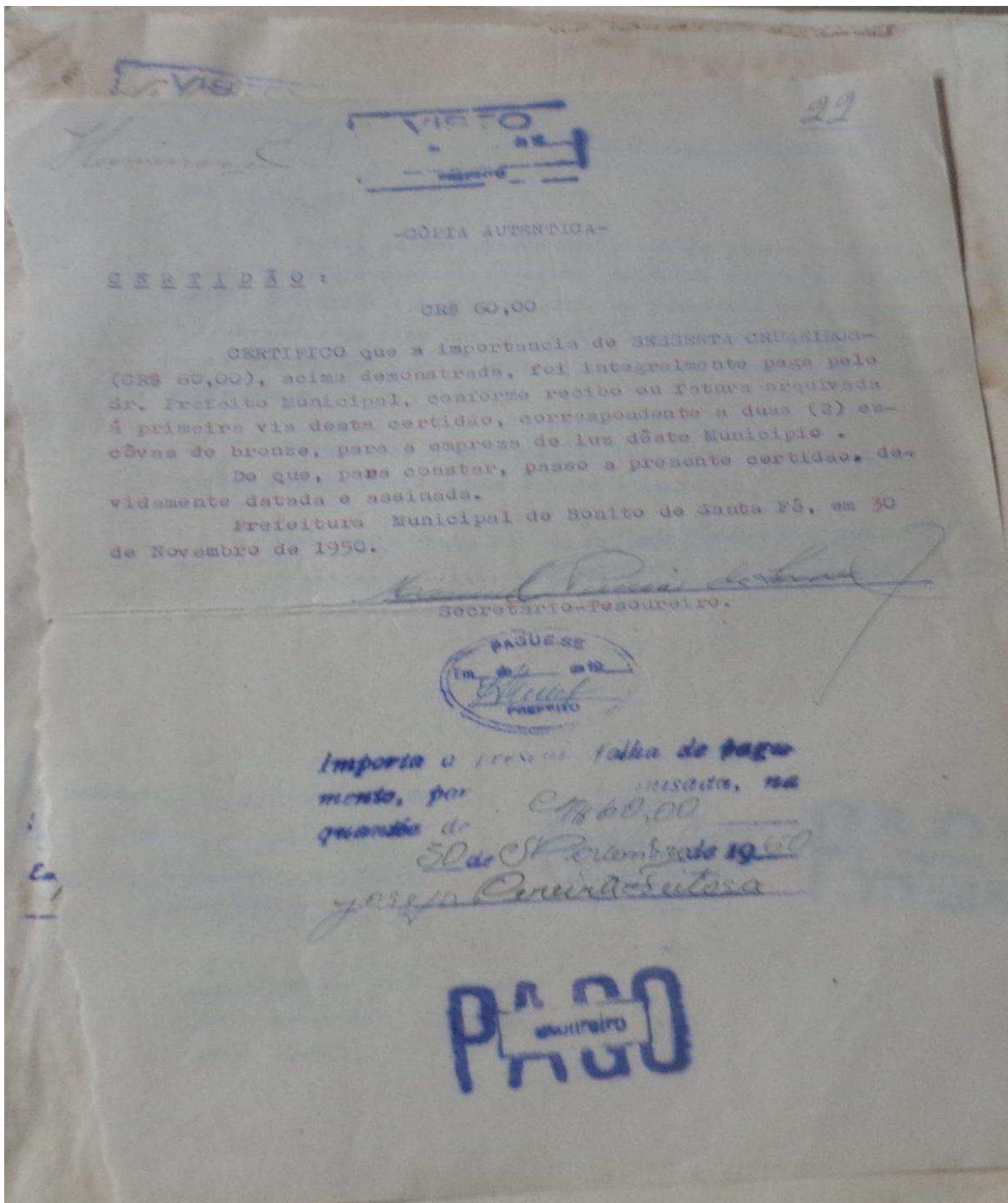
Recibo de 1958



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO D

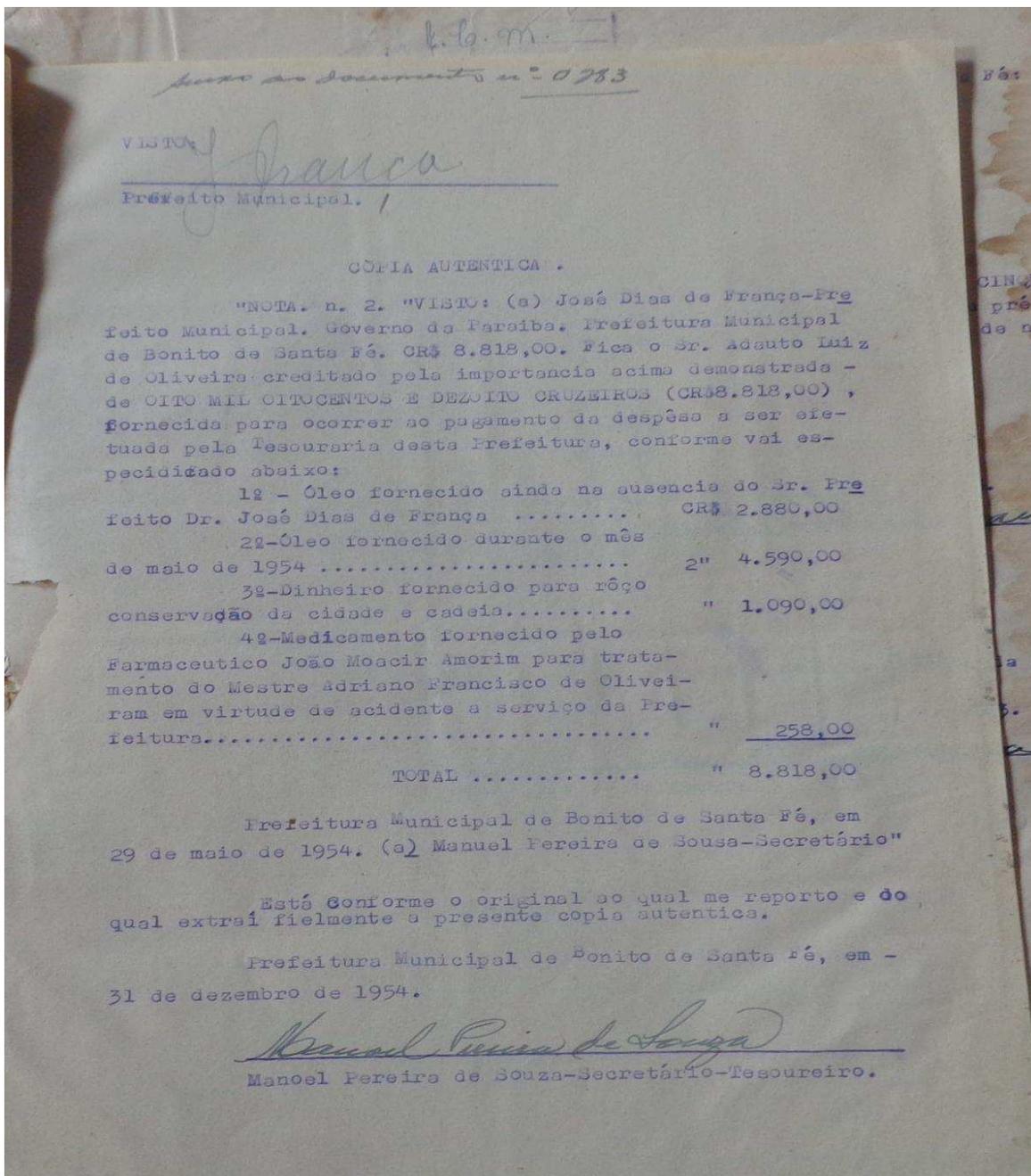
Certidão de 1950



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO E

Resolução de 1954



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO F

Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé



Fonte: Acervo da autora.

ANEXO G

Documento em decomposição

1ª VIA	
EMPENHO N.º 477	
Saldo Atual	153.581,00
suplementação	-
Soma	153.581,00
Este Empenho	12.000,00
Saldo Atual	141.581,00

TOTAL
12.000,00

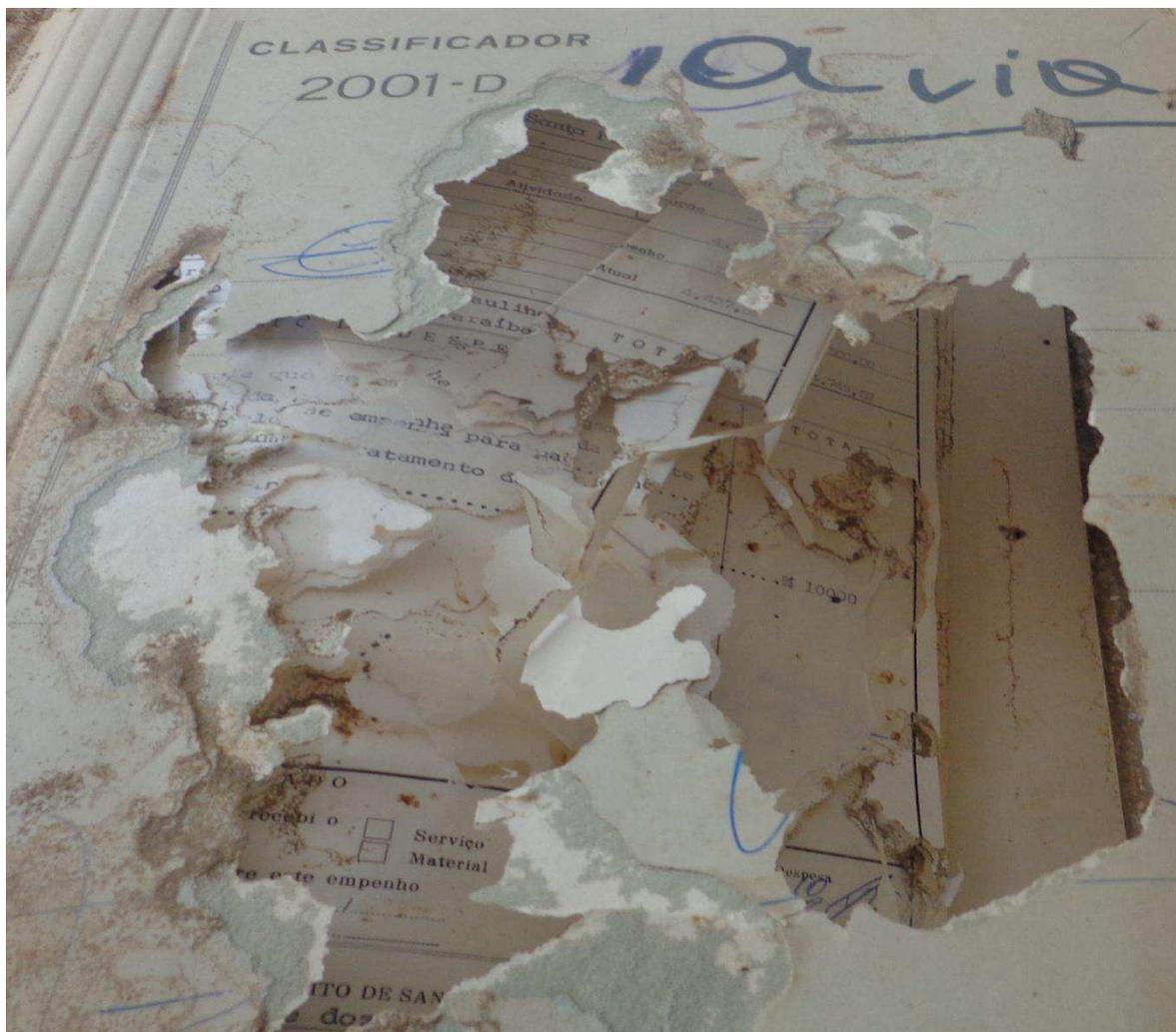
... que se empenha para pagamento de despesa destinada em compras de materiais diversos para a Prefeitura, Secretaria de Saúde, Posto Médico e Grupo Escolar do Distrito de Bonito de Santa Fé. No valor de.....

PAGO
E. P. M.

Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.

ANEXO H

Documento em decomposição



Fonte: Arquivo Municipal de Bonito de Santa Fé.